

EMPREGO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO POR ESTUDANTES DE ARQUIVOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA¹

Gleise da Silva Brandão

Graduada em Arquivologia pela Universidade Federal da Bahia.
gleise_brandao@hotmail.com

Jussara Borges

Prof.^a adjunta no Instituto de Ciência da Informação (UFBA)
jussarab@gmail.com

Resumo: Este artigo objetiva investigar o emprego da competência em informação por estudantes do Curso de Arquivologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em ambientes digitais, considerando os processos cognitivos inerentes. Para o levantamento empírico, adotou-se como instrumento de coleta de dados a observação sistemática, baseada em indicadores e parâmetros pré-estabelecidos para verificação dos componentes da competência. Quanto à análise dos dados, os métodos comparativos e observacionais foram adotados com os procedimentos estatísticos, utilizados de forma secundária. Os resultados apontam que os estudantes possuem a competência estudada, porém foram identificadas algumas deficiências para empregá-la em meio digital, principalmente quanto à produção e redação de textos, organização das informações recuperadas e identificação ou seleção de informações pertinentes. Ante a essa constatação, conclui-se que o desenvolvimento da competência em informação repercute na formação acadêmica e, portanto, é necessário elevar o nível de preparação dos estudantes a fim de atender às demandas e às exigências direcionadas à atuação do arquivista contemporâneo.

Palavras-chave: Competência em Informação. Processos Cognitivos. Estudantes de Arquivologia – UFBA.



1 INTRODUÇÃO

¹ Este artigo passou pela Banca Examinadora: Alzira Queiróz Gondim Tude de Sá - UFBA - alziratude@gmail.com; Aida Varela Varela - UFBA - varela1946@hotmail.com; Orientador: - Jussara Borges de Lima - UFBA - jussarab@gmail.com.

A informação é insumo fundamental para o desenvolvimento de uma variedade de atividades humanas (CASTELLS, 2000; GARNHAM, 2000).

Por isso, cada vez mais o desenvolvimento social, político, econômico e científico está alicerçado na capacidade de acesso, busca, seleção e uso da informação. Aliado a isso, a explosão informacional, disparada no século passado, e a emergência das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) ocasionam a transição das informações para os espaços digitais.

Essa transição para o meio digital impactou no aumento da produção de informações disponíveis em variados suportes, muitas vezes dispersas e desorganizadas.

Nesse sentido, “se por um lado as tecnologias de informação e comunicação levam a uma superação das fronteiras espaço temporais [...] por outro elas também demandam competências cada vez mais especializadas de busca, análise e seleção da informação disponibilizada” (FRÓES, 2000, p. 286).

Ademais, se reconhece as contribuições dos processos cognitivos para os estudos voltados à competência em informação, recorrendo à abordagem cognitiva do *sense-making* para discutir as inter-relações entre a cognição e o comportamento informacional.

Sob esse ponto de vista, compreende-se por competência em informação o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes mobilizados por meio das estruturas cognitivas do indivíduo, com vistas à busca, interpretação e uso das informações.

Esse contexto traz novos desafios aos profissionais que trabalham com a informação, especialmente ao arquivista contemporâneo que tem de atender à necessidade informacional dos usuários – oriundos de uma sociedade cada vez mais alicerçada na informação – e, assim, precisam adequar seu perfil a essa configuração.

Essa nova configuração engloba a Arquivologia pós-custodial, que surge no século XXI, e é centrada na informação (FONSECA, 2005). Tendo a informação sido elevada à condição

de objeto primordial de trabalho do arquivista, esse precisa se adequar a essa realidade para atender às demandas do mercado de trabalho, da sociedade e da comunidade científica.

Assim, espera-se que o arquivista da contemporaneidade saiba buscar, acessar, avaliar, produzir e usar as informações, bem como interagir com os recursos informacionais e digitais. “O arquivista hoje não pode esquecer que vive e atua profissionalmente na chamada ‘era da informação’, na qual as tecnologias da informação e da comunicação têm presença marcante” (BELLOTTO, 2006, p. 299).

Por considerar que essa necessidade de desenvolver a competência em informação gera impactos no seu perfil e postura profissional, além de demandar um processo cognitivo contínuo e gradual, argumenta-se neste artigo que a competência em informação precisa ser desenvolvida ao longo da formação escolar e profissional do arquivista.

Nesse sentido, o objetivo da pesquisa é verificar o emprego da competência em informação pelos estudantes ingressantes e concluintes do Curso de Arquivologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Destarte, este artigo pretende discutir o papel da competência em informação na formação desse profissional.

O artigo encontra-se estruturado em cinco seções, contando com a introdução: a segunda traz os aspectos conceituais em torno da competência em informação e suas interfaces com os aspectos cognitivos, a fim de analisar o seu impacto na formação do arquivista; a terceira apresenta os procedimentos e as técnicas necessárias ao desenvolvimento da pesquisa; a quarta busca investigar empiricamente o emprego da competência em informação pelos estudantes (ingressantes e concluintes) do curso de Arquivologia da UFBA; a conclusão configura a última seção deste artigo e expõe as considerações finais da pesquisa.

2 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E O SEU IMPACTO NA FORMAÇÃO DO ARQUIVISTA

Saber buscar, interpretar e usar as informações em ambientes digitais constituem-se competências fundamentais no século XXI, pois as necessidades informacionais se intensificam em virtude da demanda cada vez mais presente por informação para atividades corriqueiras e complexas da vida contemporânea: desde informações sobre congestionamentos nas grandes cidades até informações sobre despesas públicas para avaliar o desempenho de gestores públicos.

De acordo com Dudziak (2010, p.11), a competência em informação se refere à mobilização de “conhecimentos, habilidades e atitudes relacionadas ao universo informacional, incluindo a capacidade de leitura e escrita, busca e o uso da informação, organização e manipulação de dados visando à produção de novas informações e conhecimentos”.

Além disso, a competência em informação está atrelada aos processos cognitivos na medida em que pode ser definida como um modo de “aprender, enfatizando a noção de processo cognitivo, construindo o que se convencionou chamar de modelo alternativo centrado no usuário.

A competência em informação abrange o aprendizado ao longo da vida e a aplicação das habilidades informacionais no dia-dia” (VARELA; BARBOSA, 2012, p. 161).

Acredita-se que a referida competência é desenvolvida a partir de processos cognitivos que evoluem mutuamente, encadeando um processo relacional, pois “ao trabalhar com as informações recebidas, a pessoa ativa a geração de esquemas estruturais mentais, aperfeiçoando o uso da dimensão cognitiva para lidar com as situações profissionais, pessoais, de estudo e pesquisa” (WICKERT, 2006, p. 55).

Ao mesmo tempo, o desenvolvimento da capacidade cognitiva do indivíduo vai refletir-se na sua capacidade de lidar com a informação em todas as etapas – busca, avaliação, aplicação etc. Essa convergência estimula o aprendizado e o desenvolvimento de competências.

O *sense-making* busca compreender a construção e/ou produção de sentido a partir da necessidade e uso das informações (DERVIN, 1986). De acordo com Venâncio e Nassif (2008) essa abordagem é centrada nos usuários e a correspondência entre o sistema e a sua necessidade informacional como forma de aprimorar os sistemas de informação.

Dessa forma, entende-se que a competência em informação e os processos cognitivos não podem ser vistos isoladamente, haja vista que não há uma fronteira nítida que os separe; ambos se envolvem e interagem formando um mesmo processo.

Por exemplo, o usuário no momento da “busca e recuperação da informação, realiza tarefas cognitivas de seleção, análise, síntese, comparação, organização e escrita, de acordo com sua estrutura cognitiva, seus interesses e necessidades, seus conhecimentos prévios e suas condições internas e externas” (VARELA; BARBOSA, 2012, p. 156).

Se essas ações são realizadas com eficácia, pode-se dizer que o usuário empregou a competência em informação. No exemplo citado, as interações entre a competência e aspectos cognitivos são notáveis.

Considerando que a capacidade de interpretação e associação ao conhecimento prévio embasa o processo de busca e uso das informações, percebe-se que ambos os elementos se beneficiam mutuamente, já que o desenvolvimento de competência em informação mobiliza recursos cognitivos que, por sua vez, são desenvolvidos para múltiplos empregos, inclusive para aprender mais a lidar com informação.

Nesse sentido, tais interações mostram que em uma operação envolvendo a informação, a competência pode ser vista distribuída em fases inter-relacionadas a serem alcançadas pelo indivíduo, porém não se trata de um processo linear e sim interativo e dinâmico, onde muitas vezes essas fases ocorrem simultaneamente.

Assim, pode-se dizer que sinteticamente a competência em informação envolve:

- a) reconhecer a necessidade de informação: perceber que necessita de informação para preencher determinada lacuna cognitiva;
- b) buscar e acessar: pesquisar a informação por meio de fontes de informações e sistema de busca adequados;
- c) recuperar: localizar a informação que precisa por meio do uso de terminologia adequada;
- d) identificar: selecionar informações pertinentes a sua necessidade;
- c) avaliar: julgar as fontes e informações encontradas, quanto à sua relevância, autenticidade, confiabilidade e veracidade.
- d) organizar: registrar, controlar e pôr em ordem as informações para (re)usá-las quando necessário;
- e) usar: tomar decisões, resolver o problema de informação e produzir conteúdo.

Segundo a Organización para La Cooperación y el Desarrollo Econômicos (OCDE, 2006) é demandado a todos o desenvolvimento de habilidades específicas para a busca e uso eficiente da informação, por meio da utilização das ferramentas digitais.

Mas, ressalta-se neste trabalho as habilidades solicitadas, especialmente, aos profissionais que trabalham diretamente com a informação.

No caso do arquivista, parte das demandas por essas competências surgiu em decorrência da ruptura com o paradigma custodial, tecnicista e historicista no campo arquivístico e a emergência de um paradigma pós-custodial que revela a natureza informacional e científica da área e surge, por volta da década de 1980, no contexto da Era da informação com o surgimento e o desenvolvimento das TIC. (RIBEIRO, 2011)

A simbiose entre a informação e a tecnologia digital veio pôr em causa a noção estática e duradoura de “documento” (tendencialmente identificado com mensagens registradas num suporte papel) como conceito operatório e como objecto de estudo e marcou a entrada dos arquivos e da Arquivística na chamada “era pós-custodial”. Mas esta mudança de paradigma exige, naturalmente, uma formação em conformidade. Será que a formação recebida actualmente pelos arquivistas os prepara e dota de capacidade de resposta aos principais desafios postos pelas Tecnologias da Informação e Comunicação, englobadas no conceito global e sociológico da Sociedade da Informação? (RIBEIRO, 2013, p. 7)

Sob essa perspectiva, o arquivo passa a ser considerado “um sistema (semi-)fechado de informação social materializada em qualquer tipo de suporte, configurado por dois factores essenciais – a natureza orgânica (estrutura) e a natureza funcional (serviço/uso) – a que se associa um terceiro – a memória – imbricado nos anteriores.” (SILVA *et al.*, 2002, p. 214).

O arquivista, sob o paradigma pós-custodial, preocupa-se mais com o acesso à informação atuando como um agente ativo, próximo ao usuário, como um mediador da informação necessária. Isso tende a pressionar a atuação do arquivista para além da informação orgânica.

Valentim (2012) que pesquisa no meio empresarial, reconhece que não é um ponto pacífico na Arquivologia, mas defende que a gestão documental aplica-se à informação orgânica e não orgânica.

Ao escolher a informação como seu objeto de trabalho, muitas vezes o arquivista é levado a extrapolar o arquivo institucional para alcançar a necessidade informacional do usuário. É nesse sentido que a informação não orgânica pode vir a ser objeto da ação arquivística.

A Arquivologia, sob o paradigma pós-custodial, torna evidente a necessidade de conhecimentos e habilidades específicas para lidar com a informação eletrônica, mais dinâmica, fluida; pois vai além dos cuidados e tratamento para

com o acervo documental.

Além das tradicionais atividades de análise, avaliação, organização, recuperação e disseminação da informação arquivística, colocam-se demandas por competências operacionais.

Essas competências dizem respeito à manipulação de computadores e artefatos eletrônicos, incluindo um conhecimento básico de *hardware*, *software* e aplicações e redes. O uso dessas ferramentas demanda certa capacidade operativa do usuário para compreendê-las e usá-las, bem como adaptá-las às suas próprias necessidades (AUTOR, 2013).

Em contrapartida, a Arquivologia pós-custodial não está somente alicerçada na tecnologia. Por exemplo, ao gerir a informação organizacional e a mediar para o usuário, seja ele do quadro funcional da instituição em que atua – arquivo corrente e/ou intermediário – ou o público externo – arquivo permanente – não são exigidos do arquivista somente competências técnicas e instrumentais, mas também informacionais e cognitivas, já que passa a participar mais ativamente da “produção da informação, e de ser o gestor e estruturador do fluxo informacional que corre no seio da organização e alimenta o funcionamento e a capacidade decisória da mesma” (RIBEIRO, 2013, p. 9).

Diante do exposto, considera-se elementar que o desenvolvimento da competência em informação seja incentivado ao longo da formação acadêmica para elevar o nível de preparação dos estudantes de Arquivologia de acordo com as demandas e as necessidades informacionais da sociedade.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo pretende observar, registrar e analisar como a competência em informação é empregada em meio digital por 16 estudantes do curso de Arquivologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sendo 8 calouros e 8 formandos, no primeiro semestre de 2013.

Para tanto, apoiou-se na abordagem quali-quantitativa,

tendo em vista que a proposta é estudar e interpretar o fenômeno, além de medi-lo e/ou mensurá-lo.

Desse modo, os dados foram coletados a partir de uma situação/problema fictícia proposta aos estudantes. A situação/problema envolve uma necessidade informacional de um usuário e procura inserir o estudante no contexto de atuação do arquivista. Na simulação, o recém contratado arquivista está atuando numa organização da sociedade civil e recebe o seguinte e-mail:

Prezado arquivista, estou preparando uma apresentação das ações da nossa organização na “Primavera para a Vida” e gostaria de acrescentar fotos da nossa atuação neste evento. O arquivista anterior disse-me que não temos fotos no nosso arquivo, então, conto com a sua colaboração no sentido de verificar aquelas disponíveis na internet, recuperá-las e elaborar uma pequena descrição sobre do que se tratam essas fotografias. Preciso do seu retorno com urgência: em até 30 minutos. Obrigada.

Assim, propôs-se uma situação/problema que envolve uma necessidade informacional para que os estudantes a resolvessem por meio da busca de informações pela *internet*.

Segundo Le Coadic (1996, p. 40), a existência de um “problema a resolver, de um objetivo a atingir e a constatação de um estado anômalo de conhecimento, insuficiente, ou inadequado leva uma pessoa a buscar informações”.

A partir da aplicação da situação/problema, as ações e decisões de cada estudante foram observadas individualmente e registradas por meio dos indicadores adaptados dos indicadores de verificação das competências info-comunicacionais elaborado por Autor (2013):

Quadro 1: Indicadores de verificação da competência em informação

- Percebe que tem um problema passível de ser solucionado com a informação;
- Conhece as principais fontes de informação de acordo com as suas necessidades (banco de dados, sítios especializados, motores de busca etc.);
- Escolhe um sistema de busca adequado ao tipo de informação necessária;
- Compreende os diferentes formatos de informação (texto, imagem etc.).
- Traduz a necessidade de informação para uma terminologia de busca;
- Recupera informações pertinentes à sua necessidade informacional;
- Identifica e seleciona as informações recuperadas com base nos problemas ou decisões que precisa tomar;
- Avalia as informações quanto a aspectos como pertinência, confiabilidade e veracidade;
- Verifica as fontes quanto à fidedignidade;
- Organiza a informação de forma a recuperá-la para uso atual e futuro;
- Utiliza recursos e ferramentas para organizar as informações;
- Compreende e interpreta as informações recuperadas;
- Compara informações entre si e com o conhecimento prévio;
- Resume a informação;
- Reaproveita o conteúdo, considerando aspectos éticos e legais;
- Cria conteúdo.
- Propõe uma solução ao problema proposto a partir das informações;
- Descreve o percurso seguido para atender à sua necessidade informacional;
- Transmite a informação produzida em formatos apropriados e disponibiliza em ambientes digitais.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2013.

A situação/problema foi acompanhada de questões abertas. As questões foram essenciais para compreender aspectos que seriam inviáveis de ser levantados somente com a observação, trazendo, assim, maior segurança à análise dos dados.

Para tanto, as respostas foram transcritas em todos os trechos potencialmente relevantes para a temática de pesquisa. Alguns depoimentos são utilizados neste artigo a título de demonstração e estão sinalizadas entre aspas e com itálico, referenciadas de acordo com o grupo de respondentes a que pertence.

A partir dos dados coletados, realizou-se o tratamento, comparação e análise a partir dos depoimentos dos estudantes dos

dois grupos estudados (ingressantes e concluintes) correlacionando-as ao comportamento observado para viabilizar a comparação do emprego da competência em informação entre ingressantes e concluintes.

4 EMPREGO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO PELOS ESTUDANTES DE ARQUIVOLOGIA DA UFBA

Diante do necessário emprego e demanda da competência em informação pelo arquivista discutido neste artigo, pretende-se analisar como os estudantes do curso de Arquivologia estão empregando-a em meio digital.

Conforme a American Library Association (ALA, 1989), o processo que engloba a competência em informação envolve algumas questões como reconhecer a necessidade de informação, identificar informações necessárias para solucionar um problema e encontrar tais informações para, então, avaliá-las, organizá-las e usá-las de maneira eficaz.

Ressalta-se que a pesquisa é direcionada a 16 estudantes do primeiro semestre de 2013 do curso de Arquivologia da UFBA, sendo oito ingressantes e oito concluintes. A tabela 1 identifica a situação dos estudantes que participaram da pesquisa.

Tabela 1: Estudantes participantes da pesquisa

Estudante/situação		Solucionou o problema		Total
		Sim	Não	
Ingressante	Concluiu	6	2	8
	Desistiu	0	0	0
Concluente	Concluiu	4	3	7
	Desistiu	0	1	1
Total		10	6	16

Fonte: Elaborado pelo autor, 2013.

A tabela 1 mostra que do total de 16 estudantes apenas 10 concluíram todas as fases da pesquisa e solucionaram o problema proposto. No entanto, todos os participantes foram considerados para a análise dos dados, uma vez que a inabilidade para solucionar o problema também representa um resultado importante sob o ponto de vista da análise da competência em questão.

O que chama a atenção é que os ingressantes têm uma participação mais efetiva na pesquisa se comparados aos concluintes. No primeiro grupo, o total de seis estudantes concluiu a pesquisa apresentando uma proposta pertinente à resolução do problema, enquanto que no segundo grupo apenas metade (quatro) solucionou o mesmo problema, sendo que ainda apresentou-se uma desistência, em virtude da falta de êxito em encontrar as informações requeridas.

Nota-se, assim, nos concluintes uma maior dificuldade em finalizar uma atividade de pesquisa propondo uma solução pertinente. Apesar de trazerem uma maior bagagem no tratamento da informação, os concluintes tendem a desistir com mais facilidade quando não obtêm sucesso na busca na primeira tentativa, enquanto os ingressantes mostram-se mais propensos a mais tentativas até encontrarem uma resposta.

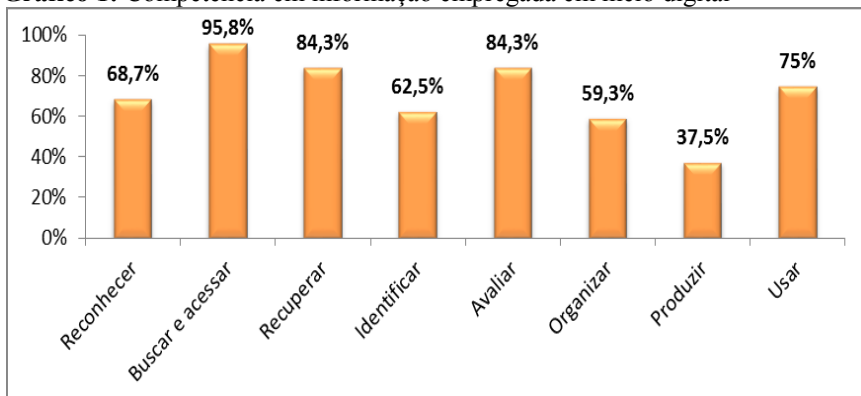
Com base nos resultados obtidos, constata-se a partir de uma perspectiva mais global que 70,9% dos estudantes que participaram da pesquisa possuem a competência estudada. Todavia, este resultado não é animador haja vista que é preciso considerar as dificuldades e os obstáculos enfrentados pelos estudantes para empregá-la, principalmente, em ambientes digitais.

4.1 COMPONENTES DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

O emprego da competência em informação entre os estudantes do curso de Arquivologia da UFBA do semestre 2013.1, apresentado no gráfico 1, não é uniforme e apresenta um forte desequilíbrio; esse desnivelamento entre os componentes da competência pode comprometer o sucesso de toda a operação de

busca e uso das informações.

Gráfico 1: Competência em informação empregada em meio digital



Fonte: Elaborado pelo autor, 2013.

Como se pode observar no gráfico 1, há um destaque significativo quanto à atuação dos estudantes na busca e acesso às informações em detrimento da produção de conteúdo.

Isso sugere que os estudantes não souberam como usar as informações que acessaram (com facilidade) em prol de atingir a necessidade informacional para preencherem a lacuna cognitiva que motivou a busca por informações.

Em pesquisa realizada por Bartalo e Contani (2010), com estudantes de Arquivologia do quarto ano da Universidade Estadual de Londrina, também constatou-se que os estudantes têm facilidade para acessar as informações, mas encontram dificuldades para identificar e entender a necessidade de informação, bem como para usá-las e avaliá-las criticamente.

De acordo com os dados (gráfico 1), ao se deparar com a situação proposta, somente 68,7% dos estudantes observados percebem que tinham um problema passível de ser solucionado por meio da busca por informações.

Isso significa dizer que no contexto sugerido, pouco mais da metade **reconheceu ou entendeu a necessidade de informação**. Na fala seguinte, o estudante demonstra a sua compreensão acerca do problema, reconhecendo que está diante de uma necessidade informacional:

“Ou seja, alguém está organizando um evento e quer fazer uma exposição de fotos e não tem, e pra isso é necessário que se recupere na internet.” (CONCLUINTE 1)

No entanto, a partir dos dados revelados, observa-se que 31,3% dos estudantes tiveram dificuldade em entender a proposta e relacioná-la à atuação do arquivista, a ponto de um desistir de concluir a operação de busca; desses, seis não propuseram uma solução adequada ao problema de informação.

Exemplos das dificuldades cognitivas observadas são: a associação à estação do ano “primavera”, a outros projetos da organização da sociedade civil ou ainda à atuação de outras organizações não solicitadas.

A dificuldade em interpretar as informações a partir da leitura e, conseqüentemente, de solucionar o problema devido a não compreensão da necessidade de informação e do contexto da pesquisa pode ser analisada sob o ponto de vista dos aspectos cognitivos, que estão relacionados às “atividades que realiza o indivíduo para captar a informação e transformá-la em conhecimento, incluindo habilidades intelectuais, como a interpretação, controle e organização do conhecimento.” (VARELA; BARBOSA, 2012, p. 143).

Isso significa dizer que os estudantes encontraram obstáculos para mobilizar as suas estruturas mentais e cognitivas no momento da operação, impedindo-os de usar a informação de forma a solucionar o problema ou tomar uma decisão.

Além disso, os observados ainda parecem não perceber a tecnologia como um fator desencadeador de alterações no perfil do arquivista (BELLOTTO, 2006), pois ao serem questionados sobre qual seria sua reação se a situação, de fato, viesse a acontecer, oito responderam que fariam um levantamento no arquivo, mesmo já tendo sido advertidos de que as informações requeridas não constam no arquivo da organização e diante da possibilidade de procurar na *internet*.

Portanto, percebe-se que os conceitos embutidos na Arquivologia pós-custodial que extrapolam o acesso à informação

para além dos limites físicos do arquivo não foram contemplados no momento da realização da pesquisa por esses estudantes. A fala abaixo é um exemplo disso:

“Eu acredito que o arquivo limite-se ao acervo daquele local, então acessar a internet fica até meio duvidoso, não tem aquela credibilidade [...] qualquer pessoa pode abrir, pode criar um site na internet e falar que é da campanha “Primavera para a vida”. Eu faria um levantamento no próprio arquivo da instituição, porque eu não ia me responsabilizar de anexar fotos duvidosas.”
(INGRESSANTE 1)

Essa fala pode ser analisada também sob o ponto de vista da análise da informação. O estudante reconhece que a informação disponível na *internet* necessita ser avaliada, mas ainda encontra barreiras para realizar tal tarefa, optando por ficar sem a informação do que partir para a análise das informações disponíveis em meio digital.

Naturalmente, sob o ponto de vista da produção de resultados, essas análises devem ser sempre relativizadas porque se está trabalhando com um universo reduzido de 16 sujeitos observados. No entanto, isso não reduz a qualidade dos dados em apontar indícios do comportamento informacional dos futuros arquivistas.

Na fase de busca e acesso às informações, notou-se que um total de 15 observados conhecem as principais fontes de busca de informação de acordo com a proposta, e compreendem os seus diversos formatos disponíveis em ambientes digitais como, por exemplo, texto e imagem.

Todos 16 estudantes optaram por usar o “Google” como motor de busca de informações, direcionando-se para o “Google Imagem” – mecanismo do *Google* para buscar exclusivamente imagens – o que indica que 95,8% dos estudantes reconhecem uma ferramenta capaz de **buscar e acessar informações** na *internet*, mas não aproveitam o potencial dessa plataforma tecnológica ao deixar de explorar diferentes motores de busca e fontes de informação.

Ao efetuarem a busca, parte significativa dos observados tende a **recuperar informações** pertinentes (84,3%). O sucesso na recuperação das informações está muito relacionado à terminologia empregada, pois o uso de terminologias genéricas pode comprometer o retorno dado pelo motor de busca e assim alongar o tempo de busca durante a operação.

Em geral, o uso de termos como “campanha Primavera para a vida” e “fotos da [nome da organização] na campanha Primavera para a vida” trouxe como resultado da busca conteúdos relevantes.

Nesse ponto, as principais deficiências encontradas referem-se à tradução da necessidade informacional para uma terminologia específica, ou seja, os estudantes demonstram pouca atenção em selecionar termos precisos e operadores booleanos adequados, repercutindo numa quantidade exacerbada de resultados, o que dificulta a fase seguinte de identificar dentre tantos retornos àquela informação mais adequada às necessidades iniciais.

Quase 40% dos estudantes apresentaram dificuldade em **identificar as informações** recuperadas e selecionar as imagens que correspondem à atuação da organização da sociedade civil na campanha “Primavera para a vida”.

Além da quantidade de itens recuperados a que se aludiu no parágrafo anterior, observou-se pouca segurança para saber se a informação encontrada correspondia ao problema proposto, já que apenas oito perceberam a necessidade de procurar informações sobre a campanha e a instituição antes de selecionar as imagens. Ilustra-se a partir das próximas falas:

“Eu acho importante ler o que foi esse ‘Primavera para a vida’.”
(INGRESSANTE 2)

“Eu entrei no o site do Google, site de busca, pra procurar o site da instituição [nome da organização], agora eu vou procurar as fotografias.” (CONCLUINTE 2)

Conhecer o organismo produtor é considerado um dos princípios básicos da Arquivologia – que é pregado desde o paradigma custodial – para que se possa proceder qualquer atividade da gestão documental.

Assim, parece contraditório que apenas a metade (oito) dos estudantes tenha se atentado para visitar o *site* da organização. Muitas vezes o *site* da organização da sociedade civil foi encontrado no processo de busca, porém mesmo ao se deparar com essa informação, a outra metade dos estudantes não se preocupou em visitá-lo.

A iniciativa de buscar maiores informações sobre a campanha e a organização, não deixando apenas a cargo da percepção que se tem ao observar a imagem, é um fator decisivo para que se possa **avaliar as informações** de maneira precisa e efetiva.

Dessa forma, a avaliação também está relacionada à capacidade de saber se as informações são confiáveis e pertinentes, o que implica averiguar as fontes de informação utilizadas quanto à autoridade, fidedignidade, autenticidade e pertinência ao que foi solicitado pelo usuário.

Quando questionados sobre os critérios que costumam utilizar para avaliar a informação, sua confiabilidade e pertinência, a maioria dos estudantes (84,3%) afirma verificar a autoridade da fonte ou confrontar as diversas fontes identificadas.

Porém na operação de busca, observou-se que seis estudantes selecionaram informações imprecisas e inexatas, e outros sete não prestaram atenção à fonte.

Cabe aqui ressaltar a escolha metodológica deste trabalho que se concentra em observar o comportamento dos estudantes mais que perguntar sobre ele, levando em conta que “a auto percepção das habilidades é um indicador menos ideal das habilidades reais do que outros itens”² (HARGITTAI, 2009, p. 131, tradução nossa). Muitas vezes torna-se possível observar incoerências entre a resposta dada pelo estudante e a ação.

² Tradução livre de: “[...] self-perceived skill is a less optimal predictor of actual skill than other items.”

Já quando questionados sobre como procedem para **organizar as informações**, os estudantes alegam salvar as informações recuperadas na *internet* em pastas organizadas por assunto no computador (59,3%).

Entretanto, dessa totalidade, apenas sete estudantes criaram pastas no computador para salvar e armazenar as informações e seis utilizaram descritores para indexá-las durante a operação. A outra parcela (sete) optou por inserir as imagens diretamente no *Word*, por meio do recurso de copiar a imagem da fonte e colar no documento.

Observou-se igualmente a tendência em salvar as fotografias com o próprio nome de origem (letras e números aleatórios atribuídos à imagem pelo próprio motor de busca) ou mesmo utilizar expressões numéricas ou termos não representativos do conteúdo do arquivo.

Isso prejudica a recuperação da informação, o seu acesso e uso posterior. São atitudes que surpreendem quando vindas de estudantes de Arquivologia, uma vez que classificar e descrever documentos e informações arquivísticas são conhecimentos básicos requeridos e ensinados ao longo da formação acadêmica:

“Eu iria abrir uma pasta na área de trabalho, eu ia escrever o nome da organização [...] salvar a imagem, aí eu boto assim fotos da [organização] número um que seria a foto 1 ia fazer respectivamente com as outras.”(INGRESSANTE 3)

Contudo, dentre as principais dificuldades observadas está a **produção de novas informações** com base nas informações selecionadas e analisadas: apenas 37,5% empregaram esse componente na operação.

O caso é preocupante, pois os seguintes indicadores não são atingidos por metade dos estudantes: apenas um estudante demonstrou considerar aspectos legais e éticos ao citar as fontes pesquisadas; seis, de fato, parecem ter compreendido e interpretado as informações e elaboram conteúdo, outros seis apenas reproduziram o conteúdo da fonte consultada.

Ressalta-se como ponto crítico a ser analisado: a tendência

em não referenciar as fontes das imagens e informações utilizadas durante a pesquisa, tornando evidente a total falta de preocupação para com os aspectos legais que compreendem os direitos autorais e a questão ética do arquivista.

O arquivista contemporâneo tem, sob sua responsabilidade, os conteúdos que são disseminados para os usuários, especialmente, em meio digital, portanto os estudantes precisam estar cientes das complicações resultantes da disponibilização de informações sem os devidos créditos autorais.

Em termos gerais, percebe-se um desnivelamento entre os componentes de busca e produção. Não basta apenas saber como buscar e acessar as informações, faz-se necessário que os estudantes saibam como usar tais informações para alcançar seus objetivos e suprir a necessidade informacional do usuário.

Isso envolve notoriamente a produção de novas informações, com base naquelas que o estudante dispõe, mobilizando suas estruturas cognitivas para interpretar sob o ponto de vista crítico e objetivo.

Evidências quanto às deficiências na produção de informação estão na constatação de que muitos observados não produziram uma frase sequer para responder ao usuário; ou seja, nosso usuário fictício recebeu um *e-mail* com imagens coladas sem qualquer enunciação de saudação, contextualização da informação ou descrição do conteúdo.

Barbosa (2008), ao realizar uma pesquisa para verificar as competências em informação dos estudantes concluintes de 2008.2 do curso de Arquivologia da UFBA, também se depara com o desnivelamento entre as competências empregadas.

Em contrapartida, os resultados indicaram que havia maior disparidade entre o componente “pesquisar informações” e o componente que compreende “organizar, armazenar e recuperar a informação”, sendo o primeiro componente o mais desenvolvido e o segundo o menos apontado nos resultados.

Nesta pesquisa, um total de 75% **usaram as informações** de forma a propor uma solução adequada ao problema apresentado (10) e transmitir a informação em formatos

apropriados, disponibilizando-os em ambientes digitais (15). Apesar de terem dificuldades em descrever os procedimentos realizados durante a operação, 11 estudantes conseguem fazê-lo de uma forma ou outra.

É importante atentar também para outras dificuldades apresentadas pelos estudantes de natureza operacional. Na operação de busca e uso das informações em meio digital os estudantes precisam interagir com os sistemas e ferramentas digitais relacionados ao computador e à *internet*.

Tendo isso em vista, a falta de habilidade para manejar esses mecanismos, muitas vezes compromete o sucesso da operação, podendo transformar-se numa barreira para o emprego da competência em informação.

Ante o exposto, observa-se que as maiores dificuldades dos estudantes ao realizar uma operação de busca e uso das informações concentram-se em entender e reconhecer a necessidade de informação, traduzi-la para uma terminologia adequada e criar conteúdo a partir das informações analisadas.

4.2 COMPARATIVO ENTRE OS INGRESSANTES E CONCLUINTEs

Nessa subseção, pretende-se analisar e contrapor os resultados obtidos pelos dois grupos estudados. Assim, é questionado se o estudante que adentra o ensino superior, por meio do curso de Arquivologia, domina competências e habilidades para lidar com o ambiente informacional.

E também, se aquele prestes a deixar a Universidade possui a competência em informação requerida para responder aos desafios da sociedade contemporânea.

Diante disso, compara-se a média da competência em informação empregada pelos dois grupos de estudantes do curso de Arquivologia: o primeiro refere-se aos ingressantes recém-discentes do ensino superior; e o segundo aos concluintes no primeiro semestre de 2013.

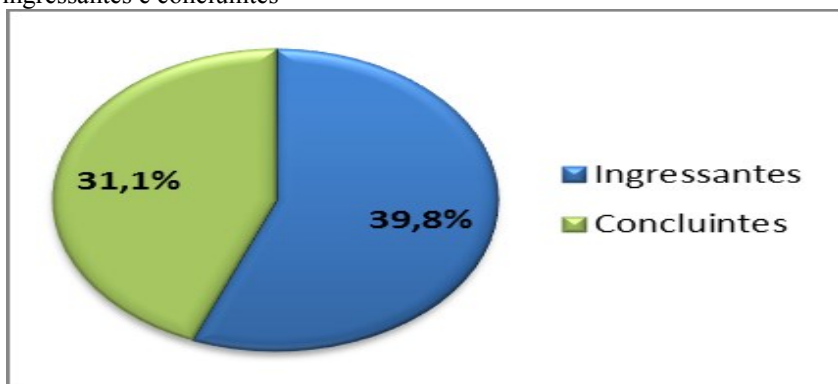
Os resultados indicam que há uma pequena diferença no

percentual de emprego da competência em informação pelos ingressantes e concluintes (gráfico 2), de forma mais específica, uma diferenciação de 8,6%.

Apesar de esperar-se que o estudante concluinte tenha maior domínio da competência, já que teve maiores possibilidades de desenvolvê-la ao longo da sua formação acadêmica, os resultados da pesquisa apontam uma situação inversa.

Em geral, os concluintes demonstram ter maiores dificuldades para: 1) concluir a pesquisa, de forma a propor uma solução adequada ao problema apresentado (tabela 1); e 2) manejar as ferramentas tecnológicas durante a operação de busca e uso das informações (competências operacionais),

Gráfico 2: Comparativo do emprego da competência em informação pelos ingressantes e concluintes



Fonte: Elaborado pelo autor, 2013.

De acordo com Macedo (2008), as transformações tecnológicas na estrutura da sociedade exigem ainda mais ativos ao nível de utilização dos aparatos e ferramentas tecnológicas, e não só a competência para interpretar, tratar e produzir a informação.

Os estudantes precisam se aperceber disso, considerando que o domínio das competências operacionais é subjacente às demais competências (AUTOR, 2013), ou seja, mesmo que o indivíduo detenha boa competência em informação, terá

dificuldades em aplicá-la se esbarrar em dificuldades para lidar com os recursos eletrônicos, hoje presentes no dia a dia do arquivista.

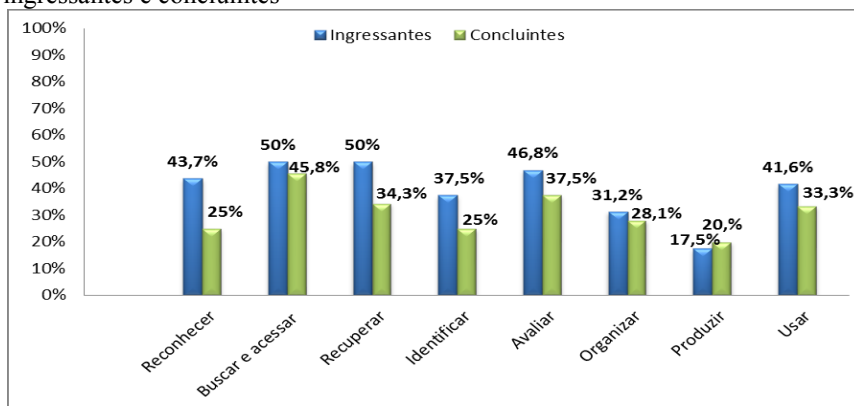
Uma das justificativas para essa disparidade com relação ao emprego da competência em informação entre os ingressantes e concluintes pode ser a maior proximidade do primeiro grupo aos recursos tecnológicos e informacionais, haja vista que o ensino médio tem cada vez mais se preocupado e investido na incorporação das tecnologias digitais no ensino.

Em contrapartida, apesar da maior facilidade em manejar os aparatos tecnológicos e lidar com o meio digital, também se observa nos ingressantes deficiências no emprego da competência em informação.

Os estudantes precisam ser treinados nas instituições de ensino para desenvolver competências informacionais e cognitivas (OCDE, 2006; SÁEZ; RUIZ, 2012).

O gráfico 3 apresenta mais detalhadamente a comparação em cada componente da competência estudada, onde fica clara a superioridade dos ingressantes com relação aos concluintes na quase totalidade dos componentes apresentados. A exceção é a produção e criação de conteúdo, na qual os concluintes apresentam uma pequena vantagem.

Gráfico 3: Comparativo da competência em informação empregada por ingressantes e concluintes



Fonte: Elaborado pelo autor, 2013.

Os resultados indicam que os ingressantes (43,7%) tiveram maior facilidade para perceber que o problema proposto é passível de ser solucionado com informação, enquanto que 75% dos concluintes tiveram dificuldades, necessitando de explicação adicional para iniciarem a operação; apenas 25% **reconhecem a necessidade de informação**, a partir do estímulo inicial, a questão do suposto usuário.

A necessidade de informação pode ser compreendida como a razão pela qual os indivíduos envolvem-se em um processo de busca de informações. Essa necessidade ocorre em decorrência de determinadas exigências como as oriundas da vida social, as exigências de saber e de comunicação (LE COADIC, 1996). Nos dois grupos foram identificados obstáculos para compreender o problema e, conseqüentemente, a necessidade de informação. A fala seguinte é representativa do grupo de concluintes:

“Entrei no Google, coloquei para pesquisar “Primavera para a vida” apareceram aqui algumas imagens sobre a primavera [...] com base na análise das fotos que foram disponibilizadas pelo Google a primeira imagem o que pude perceber sobre ela é que ela embeleza a vida, percebi também que a primavera é importante para o nosso dia a dia, nossa vida.” (CONCLUINTE 3)

Nesse depoimento fica claro que o estudante não compreendeu o que foi solicitado e perdeu o foco da necessidade de informação explicitada pelo usuário, desviando-se para assuntos incoerentes com o solicitado.

Relaciona-se essa questão à deficiência em interpretar as informações a partir da inter-relação entre a necessidade de informação explicitada pelo usuário e os conteúdos disponibilizados nas fontes de informação.

Segundo Bartalo e Contani (2010) ao interpretar a informação por meio da leitura o indivíduo se apropria da amplitude conceitual daquela informação. Assim, os autores consideram que existem vários fatores que podem dificultar a

interpretação, principalmente as dificuldades de compreensão a partir da leitura, o que remete para o círculo vicioso da leitura-compreensão que afeta o ensino em todos os níveis da educação.

Os dois grupos parecem **buscar e acessar as informações** sem muitos obstáculos; ao que parece há pouca diferenciação entre os ingressantes (50%) e concluintes (45,8%).

Um recurso importante e pouco utilizado entre os observados de ambos os grupos na operação de busca da informação é o emprego de expressões booleanas e/ou estratégias de filtro. Apenas dois estudantes ingressantes tiveram a iniciativa de utilizar expressões entre aspas para realizar a busca. Sobre isso uma das estudantes alerta que:

“Quando a gente vai fazer uma pesquisa, qualquer frase, uma frase mais extensa, que quando você joga palavras assim soltas pode aparecer a pesquisa pra cada palavra que você colocou aqui e se você quer a pesquisa em cima daquela frase, [...] então a melhor coisa que eu posso fazer é colocar entre aspas.” (INGRESSANTE 3)

Além disso, foi comum, durante a operação de busca os dois grupos, acessassem a página da organização no *Facebook*, o que pode remeter a uma reflexão do espaço que têm ganhado as redes sociais como ferramenta de busca e fonte de informações. Sobre isso, uma estudante afirma que:

“Primeiro eu ia ver em que parte da internet eu poderia encontrar fotos, trazendo pra hoje procuraria no ‘face’, hoje em dia acho que é onde mais se encontra fotos de pessoas nas redes sociais principalmente ‘Facebook’ é mais acessado ultimamente.” (CONCLUINTE 1)

No entanto, percebe-se no depoimento anterior que o estudante desconsidera outros mecanismos de busca de imagens, por exemplo, o próprio *Google* – motor de busca mais utilizado entre os estudantes que participaram da pesquisa – que possui um

mecanismo específico para buscar imagens na *internet*, o “Google Imagens”, mas esse não é referenciado no relato do concluinte.

Isso revela que apesar de buscar e acessar as informações, com certa facilidade, ambos os grupos não aplicaram estratégias de busca que auxiliam a **recuperação de informações** mais pertinentes ao que desejavam encontrar. Aliado a isso, tem-se ainda o uso de expressões que não são suficientemente representativas como: “primavera”, “primavera para vida”, “primavera mulheres”, “primavera agricultura” e “primavera mulheres trabalhadoras rurais”.

Essa desatenção com os termos de busca interfere diretamente na recuperação das informações – no caso dos ingressantes o percentual fica em torno de 50%, porém no que se refere ao grupo de concluintes apenas 34,3% atingem o indicador, pois informações genéricas ou não pertinentes e podem ser recuperadas pela motor de busca, relatado na seguinte fala:

“Tem algumas fotos aqui que não dizem muita coisa, o que representa [...] eu vou buscar mais fotos, tem fotos de um pessoal, mas eu não sei se são pertinentes a este evento em particular.”
(INGRESSANTE 2)

A fala anterior também indica que ao **identificar e selecionar as informações**, os estudantes demonstram pouco conhecimento sobre o conteúdo que lhes foi solicitado.

Ao que parece os dois grupos não utilizam critérios pré-definidos para a seleção das informações, costumam abrir a primeira ou as primeiras fontes da lista recuperada pelo motor de busca e poucos leem as demais entradas e selecionam as mais relevantes. Com isso, somente 35,5% dos ingressantes e 25% dos concluintes identificam e selecionam informações com base no problema que desejam solucionar.

A **avaliação da informação** apresenta um baixo percentual entre os concluintes (37,5%). Observa-se que a avaliação está muito concentrada no campo abstrato, sem a definição de critérios mais consistentes que possam garantir a autenticidade e pertinência da informação.

Na fala seguinte, um concluinte diz verificar a autoridade da fonte, porém parece não saber quais as implicações disso já que acredita ser possível verificar a autoridade da fonte apenas lendo a informação que acompanha a fotografia:

“Eu iria ler a informação que tem junto com a fotografia e, a partir de então, eu ia saber se é verdadeira ou não [...] verifico a autoridade da fonte.” (CONCLUINTE 4)

Em contrapartida, é possível perceber em 48,6% dos ingressantes, ainda que de forma tímida, a preocupação em confrontar as diversas informações consultadas e encontrar elementos que possam torná-las confiáveis e autênticas.

Na fala seguinte vê-se que o ingressante mostra preferência por utilizar o “SciELO” e repositórios institucionais em detrimento de outras fontes que, segundo o seu ponto de vista deixam margens para dúvidas sobre a autoridade e pertinência:

“Eu jamais confiaria em blogs, Wikipedia... só confirmando depois em outros sites, olhando nas referências, os mais sérios sempre têm as referências [...], se não tiver referência no Wikipedia não utilizar de jeito nenhum, tirando isso repositórios institucionais, ou então sites como escola, Google, SciELO.” (INGRESSANTE 4)

No entanto, há de se considerar alguns pontos passíveis de discussão: a generalização quanto ao teor duvidoso dos *blogs* é incoerente, pois muitos desses já têm sido reconhecidos como fonte de informação válida e “fenômenos textuais [...] que revitalizam o dialogismo” (BABO, 2008, p. 13).

O *Google* e o *SciELO* são citados como parte de uma só categoria, todavia o primeiro refere-se a um motor de busca de assuntos gerais, já o segundo é um banco de dados de artigos científicos publicados por revistas referenciadas; logo pertencem a categorias bem distintas.

Já na fala seguinte, também de um ingressante, nota-se a preocupação do estudante em pôr em prática os conhecimentos

aprendidos na formação acadêmica revelando a importância de consultar o *site* institucional da organização para buscar as informações de que necessitava:

“Como a instituição que eu estava procurando era a [organização], eu acho que procurando no próprio site [...] até porque de certa forma já que a gente estuda neste aspecto, a gente tenta pegar alguma coisa que fundamente as informações, como se fosse um respaldo de quem está emitindo essa informação.” (INGRESSANTE 2)

No que se refere à **organização das informações** apesar do percentual relativo aos ingressantes (31,2%) superar o dos concluintes (28,1%), é no segundo grupo que se percebe maior proximidade com os conceitos trabalhados e apreendidos ao longo do ensino superior em Arquivologia: nota-se um esforço dos estudantes em correlacionar a situação aos conhecimentos sobre descrição arquivística desenvolvidos durante a formação acadêmica para explicar como organizaria as informações recuperadas na internet.

“Abriria uma pasta, criaria um arquivo com essas informações, catalogando com as informações sobre a instituição, sobre a campanha [...] e faria uma breve descrição das fotos e criaria um código para que as facilitasse essa busca no momento que eu precisasse recuperar.” (CONCLUINTE 5)

“Primeiro abrir uma pasta com o título das informações das fotografias que eu irei inserir ali, e após isso eu vou salvando as fotografias com o nome que também identifique que a fotografia é daquele site e sobre a campanha.” (CONCLUINTE 4)

De acordo com a abordagem do *sense-making*, a informação é um “fenômeno subjetivo, construído pelo menos até certo ponto pelo usuário, e não um fenômeno objetivo” (ROZADOS, 2003, p. 86).

Considerando que a construção e a produção de sentido

envolvem os processos cognitivos internalizados pelo estudante, procurou-se analisar a componente **produzir novas informações**, a partir das descrições elaboradas.

Com base nisso, constatou-se que apenas 20% dos concluintes atingem os indicadores referentes a esse componente, com pequeno destaque sobre os ingressantes (17,5%).

Os baixos percentuais indicam que os concluintes não conseguiram desenvolver esse componente da competência ao longo de sua formação acadêmica enquanto que a maior parte dos ingressantes chegou ao ensino superior com *déficit* de competências para interpretar, resumir e produzir informações com base na leitura e análise de outras informações.

Ambos os grupos (oito ingressantes e sete concluintes) disponibilizam o conteúdo solicitado por meio do *e-mail*, o que indica que transmitiram a informação produzida em formatos apropriados via *internet*.

No entanto, atitudes simples como escrever no corpo da mensagem são totalmente ignoradas por seis estudantes, sendo quatro ingressantes e dois concluintes.

Esses obstáculos revelam deficiências para comunicar-se, uma vez que envolve a capacidade de interação, a disponibilização e apresentação do conteúdo produzido de acordo com o público para o qual esse conteúdo é direcionado.

Sob a perspectiva social, destaca-se a despreocupação dos estudantes, principalmente ingressantes, com a questão do “trato social”. Enviar um *e-mail* sem mensagem é como entregar uma pasta de documentos ao usuário sem sequer lhe dirigir a palavra, ou seja, tratar o usuário de forma educada e agradável também faz parte do ofício do arquivista e de um bom atendimento.

Para a OCDE (2006) o **uso da informação** envolve transformar e desenvolver as informações de muitas maneiras para entender melhor, se comunicar com mais efetividade e solucionar uma questão.

Assim, entende-se que os estudantes que propuseram soluções pertinentes ao problema que foi colocado fazem, nesse contexto, uso da informação: 41,6% ingressantes e 33,3%

concluintes.

Contudo, ressalta-se que não há uma única forma para solucionar um problema ou tomar uma decisão assim como não há um comportamento observável “correto”, pois a competência em informação é indissociável dos processos cognitivos da pessoa que a possui.

Nesse contexto, a informação consiste em “um fenômeno social, produzido por indivíduos em um determinado contexto, e representa uma ‘possibilidade de conhecimento’. Acreditamos que estratégias metacognitivas podem contribuir para facilitar a concretização dessa possibilidade.” (FREIRE; FREIRE, 2012, p. 2).

5 CONCLUSÃO

Com a informação elevada a objeto de trabalho do arquivista e sua ampla demanda para diversas aplicações econômicas e sociais, o arquivista vê-se pressionado a desenvolver novas e renovadas competências para lidar com este ativo, cada vez mais em meio digital.

O desenvolvimento de competência em informação resulta, em parte, da formação acadêmica a que é submetido o arquivista para “o acesso aos fluxos nos quais circulam a informação e o conhecimento e da sua capacidade de os perceber e de os organizar” (MACEDO, 2008, p. 82). Assim, esses profissionais precisam estar preparados desde a sua formação acadêmica.

Os estudantes do curso de Arquivologia da UFBA demonstraram possuir competência em informação e empregá-la em meio digital, todavia ainda precisam melhorar o seu nível de preparação para se adequar às exigências e desafios demandados ao arquivista contemporâneo.

É comum identificar entre os estudantes, tanto ingressantes quanto concluintes, um conjunto de dificuldades mais voltadas à produção e redação de textos, organização das informações recuperadas e identificação ou seleção de informações pertinentes. Isso sugere que os estudantes enfrentam

obstáculos para mobilizar as suas estruturas cognitivas em torno do processamento da informação.

Ademais, constata-se também que os estudantes observados possuem *déficit* de competências de natureza operacional para usar e manejar as ferramentas tecnológicas, como o computador. Isso interfere negativamente no emprego da competência em informação durante a operação de busca e uso das informações em ambientes digitais, conforme demonstrado.

Diante disso, se faz necessário que a formação universitária destine recursos e empenho para formar profissionais na perspectiva de que esses desenvolvam e aprimorem competências de natureza cognitivas e informacionais para interpretar, avaliar e gerar informações de forma a permitir o seu envolvimento nessa sociedade competitiva, dinâmica, e globalizada, além de combinar habilidades funcionais para o uso e manejo das ferramentas tecnológicas (SÁEZ; RUIZ, 2012; OCDE, 2006).

Assim, sugere-se que se trabalhe mais efetivamente em todos os níveis de ensino, mas principalmente no ensino superior, aquilo que se entende por competência em informação, a partir de estratégias e atividades pedagógicas.

Tendo em vista que a competência em informação integra do perfil do arquivista contemporâneo, o seu aperfeiçoamento ao longo da formação acadêmica poderá elevar o nível de preparação dos estudantes a fim de atender às demandas, às exigências e às necessidades informacionais da sociedade a que servem os arquivistas.

Por fim, se reconhece a relevância de estudos voltados à competência em informação no campo arquivístico. Por isso, recomenda-se a realização de estudos mais extensivos envolvendo a temática aqui abordada, principalmente, objetivando analisar o papel do ensino superior em Arquivologia nesse contexto.

Além disso, recomenda-se para futuras pesquisas o aprofundamento das questões relacionadas às contribuições dos processos cognitivos para o emprego e desenvolvimento da competência em informação.

REFERÊNCIAS

ALA. AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Presidential committee on information literacy: final report**, 1989.

Disponível em: <<http://www.ala.org/crl/publications/whitepapers/presidential>>. Acesso em: 25/maio/2013.

BABO, Maria Augusta. Literacia para cidadania. **Comunicação e sociedade**, v. 14, p. 7- 14, 2008.

BARBOSA, Loyde. Avaliação de competências informacionais em formandos de Arquivologia da UFBA. **Monografia (Graduação)** – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação. Salvador, 2008.

BARTALO, Linete; CONTANI, Miguel Luiz. Competência informacional e aprendizagem no ensino superior. *In*: XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação Inovação e Inclusão Social: questões contemporâneas da informação. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/xi/enancibXI/paper/view/568/229>>. Acesso em: 02/fev./2013.

BELLOTTO, Heloísa. O arquivista na sociedade contemporânea. *In*: BELLOTTO, Heloísa. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4. ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, 306p.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 3. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1.

DERVIN, Brenda; NILAN, Michael. Information Needs and Uses. **Annual review of information science and technology (ARIST)**, v. 21, 1986. Disponível em: <<http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/Dervin%20and%20Nilan.pdf>>. Acesso em: 22/jul./2013.

DUDZIAK, Elizabeth. Competência informacional e midiática no ensino superior: Desafios e propostas para o Brasil. **Prisma.com**, n. 13, 2010.

FREIRE, Isa Maria; FREIRE, Gustavo. Ações para competências em informação no ciberespaço: reflexão sobre as contribuições da metacognição. **Encontros Bibli**, v. 17, n. esp.1, p.1-23, 2012.

FRÓES, Teresinha. Sociedade da informação, sociedade do conhecimento, sociedade da aprendizagem: implicações ético-políticas no limiar do século. In: LUBISCO, Nídia; BRANDÃO, Lídia. **Informação & informática**. Salvador: EDUFBA, 2000.

FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

GARNHAM, N. 'Information society' as theory or ideology. **Information, communication & society**, v. 3, n. 2, p. 139-152, 2000.

HARGITTAI, Eszter. An update on survey measures of web-oriented digital literacy. **Social science computer review**, v. 27, n. 1, p. 130-137, feb./2009.

LE COADIC, Yves François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

MACEDO, Lurdes. Competências de comunicação para a sociedade da informação: alguns elementos sobre a situação dos recém-licenciados em Portugal. **Comunicação & sociedade**, v. 14, p. 69-84, 2008.

OCDE. **Habilidades y competencias del siglo XXI para los aprendices del nuevo milenio en los países de la OCDE**. España. Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. Instituto de Tecnologías Educativas. 2006. Disponível em: <<http://recursosice>

ducacion.es/blogs/europa/media/blogs/europa/informes/Habilidad es_y_competencias_siglo21_OCDE.pdf>. Acesso em: 16/maio/2013.

RIBEIRO, Fernanda. **O perfil profissional do arquivista na sociedade da informação**. 2004. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo8871.PDF>>. Acesso em: 02/fev./2013.

RIBEIRO, Fernanda. A arquivística como disciplina aplicada no campo da Ciência da Informação. **Perspectivas em gestão & conhecimento**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 59-73, jan./jun./2011.

ROZADOS, Helen. A Ciência da Informação em sua aproximação com as ciências cognitivas. **Em questão**. Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 79-94, jan./jun./2003.

SÁEZ, José; RUIZ, José. Metodología didáctica y tecnología educativa en el desarrollo de las competencias cognitivas: aplicación en contextos universitarios profesorado. **Revista de currículum y formación de profesorado**, v. 16, n. 3, p. 373-39, sept./dic./2012.

SILVA, Armando; *et al.* **Arquivística: teoria e prática de uma Ciência da Informação**. 2. ed., Porto: Edições Afrontamento, 2002.

VALENTIM, Marta. (Org.). **Estudos avançados em Arquivologia**. Marília: Oficina Universitária, 2012. 318p.

VARELA, Aida; BARBOSA, Marilene. Trajetórias cognitivas subjacentes ao processo de busca e uso da informação: fundamentos e transversalidades. **Encontros Bibli**, v. 17, n. esp.1, p.142-168, 2012.

VENÂNCIO, Ludmila; NASSIF, Mônica. O comportamento de busca de informação sob o enfoque da cognição situada: um estudo empírico qualitativo. **Ci. Inf., Brasília**, v. 37, n. 1, p. 95-106, jan./abr./2008.

WICKERT, Maria. **Referenciais educacionais do SEBRAE**. Brasília: SEBRAE, 2006.

EMPLOY OF INFORMATION LITERACY BY STUDENTS OF ARCHIVOLOGY OF THE UNIVERSITY FEDERAL OF BAHIA

Abstract: This article aims to investigate which information literacy are employed by Archivology graduate students of the University Federal of Bahia (UFBa) in digital environments, considering the cognitive processes involved. For the empirical study, it was adopted as a tool for data collection systematic observation, based on pre-established indicators and parameters for testing of. The analysis of data, comparative and observational methods have been adopted together the statistical procedures used secondarily. The results indicate that students have the competence studied, but were identified some shortcomings to use it in digital media, especially regarding the production and writing texts, organization of retrieved information and identification or selection of relevant information. Before making such a determination, it is concluded that the development of information literacy in academic repercussions and therefore it is necessary to raise the level of preparedness of students to meet the demands and requirements directed to the work of contemporary archivist.

Keywords: Information Literacy. Cognitive Processes. Students Archivology-UFBA.

Originais recebidos em: 30/05/2014

Aceito para publicação em: 16/07/2014

Publicado em: 20/10/2014